



A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NAS PRÁTICAS E NOS DISCURSOS DOS GAROTOS DE PROGRAMA DA CIDADE DE SALVADOR-BA

João Diogenes Ferreira dos Santos
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS (Brasil)
Endereço eletrônico: jdfsantos@uefs.br

INTRODUÇÃO

No século XXI, ainda com muitos avanços, a sexualidade continua um tabu para parte da sociedade brasileira. Discutir práticas sexuais, desejos, diversidades sexuais, entre outros aspectos da sexualidade, ainda promove constrangimentos, principalmente em alguns grupos mais conservadores. Apesar de todos os avanços científicos, tecnológicos, de acesso aos direitos e de políticas públicas nesse campo, as discussões ainda promovem debates de cunho moral, ampliado por perspectivas fundamentalistas. Também a sexualidade é encarada como inspiração de brincadeiras e/ou de piadas, criando uma base ideológica para justificar as diversas manifestações de violência contra às pessoas que rompem com o padrão considerado tradicional de como a sexualidade é entendida ideologicamente.

No campo do senso comum, muitas pessoas ainda acham que a sexualidade é de foro íntimo e que se manifesta em uma única expressão, a heterossexualidade. Torres (2010, p. 23) sublinha que “as práticas sexuais foram naturalizadas para controlar o corpo dos sujeitos, restringindo suas possibilidades de expressão da diversidade sexual”. Por isto, podemos afirmar que há um conjunto de normas sobre a sexualidade que determinam as identidades de gênero e sexuais, os papéis sexuais e a orientação sexual do desejo. Esse conjunto de normas parte de uma construção social que confunde sexo com sexualidade. Nesta acepção, o sexo está relacionado à anatomia sexual do macho e da fêmea, conforme aborda Picazio (2010. p.11):

[...] quando nascemos, de acordo com nossas características corporais, somos registrados como macho e fêmea. Quando falamos em sexo masculino ou feminino, estamos nos referindo às características dos órgãos sexuais e à predominância deles em nosso corpo.

A sexualidade é uma construção sócio-histórica que se relaciona com a classe, o grupo étnico-racial, o sexo, o gênero, entre outros marcadores, constituindo-se como



elemento essencial para nossa condição humana (LOURO, 2000). Sexo e sexualidade não são sinônimos, relacionam-se, mas são distintos.

Na visão de Louro (2000), a sexualidade se materializa em diferentes cenários sociais, de forma múltipla. Essa interpretação teórica nos conduz a pensar em um caleidoscópio que se manifesta em diversos ângulos, com cores variadas. A sexualidade é multifacetada. A partir deste caminho interpretativo e metafórico, a sexualidade é passível de se tornar objeto de pesquisa de distintos estudos, com bases teóricas e metodológicas diversas.

A relação entre sexualidade e mercado sexual é um terreno pouco explorado, sobretudo, as práticas ditas fora do padrão moral, como a prostituição. Essa prática é entendida como comercialização de corpos, tanto de homens como de mulheres, para a “realização de práticas eróticas e/ou sexuais para outros sujeitos, conhecidos como clientes, em troca de uma remuneração que, normalmente, é feita em dinheiro [...]” (TEIXEIRA, 2011, p. 1). O presente artigo é um desdobramento da pesquisa, desenvolvida no período do Estágio Pós-Doutoral no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos – IHAC, da Universidade Federal da Bahia. A pesquisa percorreu os múltiplos caminhos das trajetórias de vida de garotos de programa, em duas saunas na cidade de Salvador-BA. Sauna são estabelecimentos privados que se inserem no mercado de sexo para homens, cujo véis é proporcionar que práticas sexuais e eróticas (fetiche e companhia) sejam estabelecidas entre homens, mediante ao pagamento em dinheiro.

Trilhando este caminho, o objetivo deste trabalho é analisar o processo de construção da masculinidade hegemônica dos garotos de programa em duas saunas de Salvador. Nesse espaço que as práticas sexuais e eróticas se transformam em mercadoria, e são comercializadas (PERLONGHER, 2008; TEXEIRA, 2011; RIBEIRO, 2011; SANTOS, 2012; NETO e DIAS, 2015; SANTOS, 2016).

METODOLOGIA

A pesquisa foi de cunho etnográfico e se baseou em observação e participação sistemática em duas saunas selecionadas, no período de março de 2019 até fevereiro de 2020, em conversas com os garotos de programa que frequentam esses estabelecimentos. Também utilizamos o recurso metodológico da entrevista em



profundidade com alguns garotos de programa, bem como os registros das conversas informais, das impressões das observações inscritas no diário de campo.

Nesta incursão no universo do mercado do sexo de Salvador, sobre os dois estabelecimentos privados, percorremos caminhos teóricos que nos ofereceram base de análise da realidade em questão. Partimos do diálogo com alguns estudos, encontrados por meio de pesquisa bibliográfica em bases indexadas (SciELO, Periódicos Capes, Google Acadêmico). Foram consultados também os referenciais publicados em livros, que abordam a prostituição masculina: Perlongher (2008 [1987]), Adorno e Silva Júnior (2001); Teixeira (2011); Ribeiro (2011); Silva (2012), Santos (2012); Santos (2016). Também buscamos os debates teóricos que tratam sobre masculinidade por meio das seguintes referências: Caldas (1997); Damatta (1997), Nolasco (1997), Cecchetto (2004); Penteado e Gatti (2011); Connel e Messerschmidt (2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Partindo da perspectiva teórica, através das observações de campo e as entrevistas realizadas com os sujeitos desta pesquisa, podemos afirmar que nos discursos, nas práticas, nas brincadeiras, nas performances corporais, na modulação do corpo, os garotos de programas reafirmam o modelo da masculinidade hegemônica, estabelecido socialmente como guia a ser seguido. Os garotos de programa que se relacionam sexualmente e, em alguns casos, amorosamente com outros homens, reforçam atitudes de macho viril, se referenciam por meio do padrão predominante de masculinidade.

Quase todos, em suas narrativas, reivindicam para si a identidade normativa de gênero da heterossexualidade, a partir do vocábulo usual popularmente do “sujeito homem”. Parece que este vocábulo é similar ao dito popular “homem de verdade”, cuja existência é um marco do padrão de masculinidade (NOLASCO, 1997).

Esta peculiaridade analisada na incursão do campo de estudo, se assemelha com os resultados obtidos por Perlongher (2008 [1987]), em seu estudo clássico sobre a “prostituição viril” em São Paulo, quando assevera:

— Como os michês entrevistados “em profundidade” o revelam, gabar-se de heterossexualidade soma pontos perante os clientes, que, em grande parte, procuram rapazes que não sejam homossexuais. Aqui, nos encontramos com um primeiro paradoxo que vai marcar o negócio



todo. Num apreciável número de casos, os rapazes que se prostituem não são ou não se consideram homossexuais e esta recusa da homossexualidade vai ao encontro das demandas dos clientes (PERLONGHER, 2008, p.48).

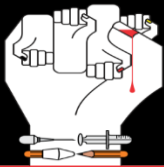
Os resultados da presente pesquisa se assemelham com o referido trabalho clássico sobre prostituição masculina da cidade de São Paulo, os jovens entrevistados, que se autodenominam de heterossexuais, buscam as saunas, locais que integram a “cena homossexual” da cidade, para exercerem atividades relativas ao mercado do sexo com outros homens, tecendo práticas, discursos, performances corporais e modulação do corpo que constroem e difundem o modelo da masculinidade hegemônica.

CONCLUSÕES

O modelo de masculinidade predominante na sociedade torna-se referência para os garotos de programa das duas saunas estudadas, por meio dos discursos, das brincadeiras, das performances corporais e modulação do corpo, entendem que a relação entre dois homens deve ter o ativo (o penetrador) e o passivo (penetrado). Eles devem exercer o papel do ativo, pois esse papel se refere ao macho viril. Já o passivo que é identificado, socialmente, ao feminino, deve ser o papel exercido pelo cliente.

A dicotomia entre ativo, o superior, e passivo, o inferior, reitera comportamentos, gestos, discurso, vocábulo presentes no universo sexual, e sedimenta na sociedade o estigma de pessoas que se enquadram como passivo no intercuro sexual. Ou seja, o garoto de programa, na relação como outro homem, reivindica para si o papel de gênero do macho ativo, o penetrador. Já o outro na relação é o passivo, a bicha, o veado, colocado assim no lugar de inferioridade.

Nesta linha de análise, no cotidiano das saunas, algumas brincadeiras, conversas, discussões e desentendimentos entre os garotos de programa que reforçam uma espécie de vigilância da masculinidade desses garotos. Os jovens pesquisados necessitam demonstrar que se enquadram no modelo de masculinidade hegemônica. Sair desse modelo pode ocasionar constrangimentos e, às vezes, até conflitos. Além de causar uma propaganda negativa para os demais, nas transações sexuais com os clientes.



PALAVRAS-CHAVE: Garoto de Programa. Sexualidade. Masculinidade. Mercado sexual.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Rubens de Camargo Ferreira e SILVA JÚNIOR, Geraldo Pereira da. “Visibilidade e invisibilidade do trabalho de garoto de programa”. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa e STENGEL Márcia (orgs.). *Juventudes contemporâneas: um mosaico e possibilidades*. Belo Horizonte: Ed.PUCMinas, 2011.

CECCHETTO, Fátima Regina. *Violência e estilos de masculinidade*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHIDT, James W. “Masculinidade hegemônica: Masculinidade hegemônica: repensando o conceito”. IN: Estudos Feministas, Florianópolis. janeiro-abril/2013. pp. 242-282.

DAMATTA, Roberto. Tem Pente Aí? Reflexões sobre a Identidade Masculina. In:

LOURO, Guacira Lopes (org.). *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira. *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade*. 2º Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

NOLASCO, Um “Homem de Verdade”. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Editora SENAC, 1997. pp. 13-30.

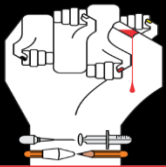
PENTEADO, Fernando Marques; GATTI, José. *Masculinidades: teoria, crítica e artes*. São Paulo: Estação das letras e cores, 2011.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio de michê: a prostituição viril em São Paulo*. 2º Edição. São Paulo: Editora Fundação Abramo, 2008.

PICAZIO, Claudio. *Uma outra verdade: perguntas e respostas para pais e educadores sobre homossexualidade na adolescência*. São Paulo: Editora GLS, 2010.

RIBEIRO, Miguel Angelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva; MAIA, Gessé da Silva. “Dinâmica e Espacialidade das saunas de boys na cidade do Rio de Janeiro.” IN: *Revista Latina Americana de Geografia e Gênero*. Ponta Grossa, V.2. N°2. pp. 57-65.ago/dez, 2011.

SANTOS, Élcio Nogueira dos. Amores, vapores e dinheiro – masculinidades, homossexualidades nas saunas de Michê em São Paulo. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

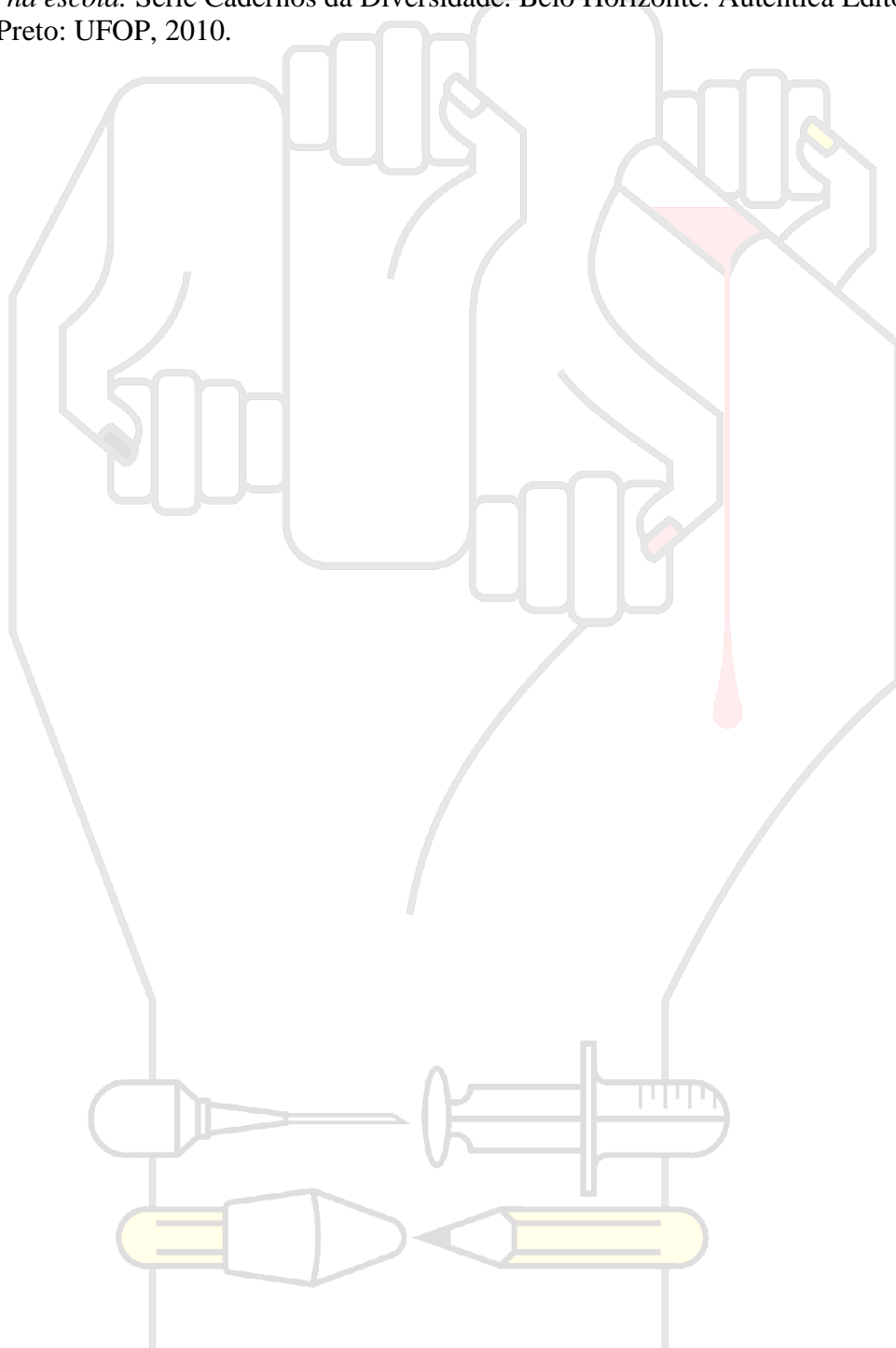


SANTOS, Daniel Kerry do. *Homens no mercado do sexo: fluxos, territórios e subjetivações*. Tese de doutorado do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. *Representação sobre a atividade de garotos de programas em Belho Horizonte: emprego, trabalho ou Profissão?*In: Anais do XI CONLAB. Salvador, 2011 Disponível em: www.xiconlab.eventos.dupe.com.br/anais3/1308350926_arquivo. Acessado em 19 de outubro de 2019.

TORRES, Marco Antônio. *A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola*. Série Cadernos da Diversidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Ouro Preto: UFOP, 2010.

121



Realização:



Apoio:

